

Governo admite que renegociação será difícil

SÃO PAULO — A nova fase de renegociação da dívida externa brasileira será bastante complexa, pois não existe consenso entre os credores do País, admitiu ontem o Diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. Segundo ele, a proposta de capitalização dos juros (sua incorporação ao principal da dívida) é bem recebida pela comunidade financeira da Europa, mas encontra sérias restrições entre os bancos americanos.

Serrano afirmou também que o refinanciamento plurianual da dívida (renegociação dos débitos da vários anos) dependerá da evolução dos entendimentos do México, Argentina e Venezuela com os bancos credores. Mas ele acredita que os excelentes resultados das contas externas brasileiras no primeiro semestre darão ao Governo maior poder de barganha na próxima fase da renegociação da dívida, que começa no fim de outubro.

O bom desempenho das exportações permitiu que o País fechasse o primeiro semestre com US\$ 4,2 bilhões em caixa e, até dezembro, este total subirá para US\$ 6 bilhões, disse Serrano. O Diretor do Banco Central observou que as reservas internas líquidas, em dezembro de 1983, eram negativas em US\$ 3,2 bilhões, aumentando, de janeiro a junho deste ano, para US\$ 924 milhões. A previsão é de que, até o fim do ano elas cheguem a US\$ 2,5 bilhões.

Madeira Serrano salientou que o Governo brasileiro decidiu adiar para outubro a rodada de negociações com a comunidade financeira internacional para ter tempo de acumular resultados ainda melhores na balança comercial e no balanço de pagamentos.

1

Banco Europeu prevê prazos e taxas melhores

PORTO ALEGRE — O Brasil tem hoje melhores condições de negociar spreads (taxas de risco) menores, prazos e carência maiores para sua dívida externa, afirmou o Diretor-Geral do Banco Europeu para a América Latina no Brasil, Milton Bardini. Segundo ele, a acumulação de um volume razoável de reservas dá ao País situação mais favorável para manter entendimento com os credores:

— A dívida externa é um problema cuja solução está sendo encaminhada através do esforço exportador.

Sobre uma possível desindexação da economia (desvinculação entre os índices econômicos) Bardini disse que de “nada adianta um remédio tão eficaz que mate o doente, pois desindexar significaria, efetivamente, desestruturar a economia”.

2

Inglêses impõem condição para o refinanciamento

LONDRES — Os bancos britânicos advertiram o governo de seu país de que só participarão da negociação de um acordo de longo prazo para o refinanciamento das débitos externos brasileiros, se os governos ocidentais também reescalonarem a dívida pública externa do Brasil, através do Clube de Paris.

Os banqueiros lembraram que, na conferência de cúpula das sete potências industrializadas do Ocidente, realizada junho último em Londres, os participantes se comprometeram a renegociar as dívidas de governo a governo, caso as nações devedoras fossem bem sucedidas em seus programas de ajustamento econômico. Mas destacaram que os países ricos faltaram com a palavra, não reescalando os débitos externos contraídos pelo governo mexicano.